A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

Ano II—Numero 94 *Preço avulso 1 Escudo* *12 Paginas*

O DOMINGO *ilustrado*

O CRIME DE ALMADA

Por uma questão de ciumes um pobre e honesto operario mata, a tiros de revolver, o homem que o atraiçoava

O DOMINGO ilustrado

ANO II — N.º 94

LISBOA 31 DE OUTUBRO DE 1926
PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO ilustrado
DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA
REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS Rua D. Pedro V 18—Telefone 631 N.—EDITOR JULIO MARQUES—IMPRESSÃO—Rua do Seculo, 150

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ECOS

Mais um ôvo de Colombo

O misterioso aparecimento, num cemiterio de Coimbra, dum esqueleto de criança junto do cadaver dum adulto, fez sensação. Os grandes diarios, satisfazendo a curiosidade publica, encararam todas as hipoteses, em longos artigos. Todas, menos uma, a mais simples, a mais natural, a menos misteriosa. Aparece agora uma pessoa de familia do morto adulto, e explica o caso, que era tão facil de resolver como o do ôvo de Colombo.

Supor-se-ha que os grandes diarios arrumaram o assunto. Nada disso. Alguns ha que continuam a forjar hipoteses. Para agradar ao fundo romantico do publico? Para não dar o seu braço a torcer? Por não admitirem que possa ser muito simples um caso que lhes parecia muito nebuloso? Eis o unico e verdadeiro mistério.

Os estudantes do Brasil

Aparecem aí, qualquer dia, os estudantes brasileiros, que veem retribuir a visita que os academicos portugueses fizeram ao Brasil, há um ano.

Não nos consta que tenham já sido tomadas as devidas providencias oficiais para que os estudantes sejam condignamente recebidos. E' preciso não esquecer que a juventude é em geral muito susceptivel. E' preciso fazer todo o possivel por que os estudantes brasileiros não sintam frieza na recepção que se lhes fizer e a que o nosso povo, apezar de já exausto de tantos e tão estéreis entusiasmos, não deixará de se associar carinhosamente.

Homenagem ás mães

Em Madrid, a Sociedade Protectora dos Animais e Plantas organisou, com o patrocinio do govêrno, uma Semana da Bondade, durante a qual se realisaram brilhantes festas. Uma dessas festas foi a de homenagem ás mães e consistiu na distribuição, ás crianças pobres da cidade, de ramos destinados a serem entregues ás mães. No acto da entrega dos ramos as senhoras que os distribuiam—e entre as quais figuravam as proprias filhas dos reis,—diziam ás creanças:—«Tomai estas flores e levai-as ás vossas mães, prometendo, ao entregá-las, respeitar as mães dos outros meninos e tôdas as mulheres, por amor das vossas mães». E' escusado salientar o que há de admiravel nesta iniciativa.

Que o exemplo da Espanha seja por nós seguido, sem receio de pecarmos por falta de originalidade. O respeito pela mulher é virtude quasi morta, entre os portugueses. Tentemos, ao menos, vêr se no coração dos pequeninos essa virtude pode milagrosamente renascer, no momento em que as suas mãos frágeis tocarem em flores, tocarem na Beleza.

JURISPRUDENCIA

O JUIZ:—Em virtude do reu, por reincidencia no crime, estar incurso no artigo... no artigo...
O RÉU:—No artigo 1347, senhor juiz...

Má língua

VIVAM OS GAROTOS!

De vez em quando a vida lisboeta
agita-se em ardor descompassado
sem encontrar um canto onde se metta
quem pretender que o deixem socegado...

Tão depressa é um idolo,—ou um homem...—
que acorda em alvoroço extraordinario,
como são... macacôas que consomem
o seu temperamento visionario.

Agora, um general que se revolta
e quer endireitar-nos o destino.
Logo, essa mesma febre que se solta
sobre o «feito» de um barbaro assassino.

Hoje, politico. Amanhã, falsario.
Depois, um cavalleiro ou um cyclista,
dão esse formigar de campanario
a que não ha «grandeza» que resista.

Que afinal a mais lucida verdade
para quem não se cega ou se dementa,
e que essa formosissima cidade
é só uma grande aldeia turbulenta.

Neste momento, um grande incendio lavra
por causa dos garotos de jornal,
num doido phrenesi em que a palavra
se aguça como a ponta de um punhal.

Pobres garotos! Pela chuva, ao frio,
vão sem descanço, na cidade inteira,
—unicos cujo eterno corropio
se affasta da restante pasmaceira...

E correm, gritam, cantam, são risonhos
como se a vida fosse uma delicia,
e não souberam de melhores sonhos
que o de serem Arautos da noticia!

Quem não hade gostar desses petizes
que em plena infancia, como em plena aurora,
cantam em gritos claros e felizes
todas as attracções da ultima hora?...

Se os não comparo ás meigas andorinhas
mensageiras da meiga Primavera
—já que de ideias ternas como as minhas
ternas imagens toda a gente espera...—

é que as coisas clamadas nos clamores
com que anda a grazinar cada petiz,
por culpa dos senhores redactores
nem sempre são talvez primaveris...

E honrados! Mas que honrados! quando a gente
vê pessôas de tanta cotação
fazerem o que fazem diariamente
para comerem mais que um tubarão,

como é que o nosso espirito ha de olhar
sem enternecimento,—muito ou pouco...—
um garoto de um palmo a galopar
para entregar os dois tostões do trôco?

Deixem pois os garotos á vontade
entrar nos carroções da Companhia
que têm menos encantos, na verdade,
e onde a gente bastante se arrelia...

Bem basta irmos em pilha e entaipados,
pagando a pezo de oiro esses apertos
aos altos cidadãos mal encarados
que nem sempre nos dão os trocos certos...

que ao menos possa a gente (e mais barato)
para esquecer que vae bastante mal
obter o philtro ameno do Boato
das mãos de algum garoto de jornal...

TAÇO

questão prévia

Há dias, estando á espera do carro em frente dum dos portões do Jardim Botanico, assisti a um espectaculo que só não me surpreendeu porque já poucas coisas ha que me surpreendam nesta terra, que a laranjeira perfuma, o sol aquece e a tolice fecunda, gerando as prometedoras messes da insensatez e da pobreza de espirito.

Abriam nesse dia as aulas da Escola Politecnica, que hoje se rotúla de Faculdade de Sciencias, bracejamento da Universidade de Lisboa, dispersa pelos edificios escolares das sete colinas da cidade. Pois na entrada do Jardim, mesmo nas barbas do porteiro, do publico transeunte e das paredes da Escola (a qual, pela dilatada idade, cheia de nobres tradições, bem se pode atribuir uma barba branca e respeitavel), dois moços, que pelos atavios de que estavam revestidos me pareceram estudantes, armados de tesoura e maquina abriam no cabelo dos recem chegados á Faculdade uma tonsura irregular e funda, como quem marca carneiros para a tosquia.

Pensei, primeiro, que esses prudentes rapazes, prevendo as penosas dificuldades dum curso a vencer na actualidade, praticavam nas horas vagas um oficio manual honroso e dos mais adaptaveis ás naturezas delicadas, como é o de barbeiro e cabeleireiro. Dentro deste criterio, a resignação com que os tosquiaveis se submetiam á tosquia pareceu-me uma prova da mais decidida e franca solidariedade, que jamais me foi dado contemplar em vida minha.

Mas bem reconheci que não era para que os colegas mais antigos praticassem a nobre arte de tosquiadores humanos que os caloiros da Faculdade de Sciencias curvavam resignadamente a cerviz, sob a tesoura e sob a maquina.

Não, aquilo que eu estava contemplando com olhos admiradores não era mais do que a pratica adulterada duma praxe chamada academica. Para solenisar a admissão ao convivio escolar de novos colegas, os mais antigos empenhavam-se em vexa-los deante de quem passava.

O leitor talvez ache o facto indecoroso e revoltante em si. Pois a mim, mais do que o facto propriamente di-lo, me revolta o cultivo duma praxe que nunca floresceu no Jardim Botanico, nem quando ele rodeava a simples Escola Politecnica, nem agora que circunda mais pomposamente a Faculdade de Sciencias. A praxe antipatica do corte do cabelo aos caloiros, ou fosse o «esmonar» em giria propria da Academia, nasceu, viveu e morreu em Coimbra, mas ainda assim praticado em termos menos vexatorios, porque o «esmanado» tinha por si a defesa de não sair de casa depois do toque vespertino da «Cabra», quando os angulos reintrantes das ruelas da «Alta» empastavam na sombra densa as capas rebuçadas das *troupes* de tesoura e móca. Não era á luz do sol, nem á vista de todos que se praticava a humilhação, aliás sempre injustificada, mas só entre estudantes, na noite cumplice e violentamente cedendo ao numero.

Porque o que mais admirei, meus senhores, não foi só a importação absurda duma praxe coimbrã, que no tempo em que lá me andei bacharelando já era rarissimo. O que admirei principalmente foi a submissão acarneirada dos pacientes, que não faziam engulir a maquina, a tesoura e a praxe aos neo-praxistas da Faculdade de Sciencias—que agora, por obra e graça de dois dos seus elementos estudiosos, parece estar tentada a incluir nos conhecimentos scientificos a ministrar á mocidade portugueza o barbear e pentear.

Feliciano Santos

ECOS

O enterro do Aterro

Numa conversa com um jornalista, o presidente da Camara Municipal declarou que vão principiar imediatamente as obras que darão ao Aterro um novo aspecto moderno.

Bem haja, sr. presidente da Camara! Mãos á obra, quanto antes! Faça-se o enterro decente desse indecentissimo Aterro, que é a maior vergonha da cidade e o maior espanto dos estrangeiros que julgam desembarcar numa capital da Europa...

Na mesma entrevista, o presidente da Camara aludiu a urgentes melhoramentos citadinos. Alguns, como o da nova artéria unindo Santa Clara ao Terreiro do Paço, pela Alfama, é de natureza a inspirar certos receios, porquanto se trata de abrir um caminho novo atravez da Lisboa velha. No entanto, os nomes de mestre Raquel Gameiro e do arqueólogo Matos Sequeira, que fazem parte da Comissão de Estudos de Embelezamento da Cidade, são a garantia de que Lisboa não perderá uma parcela de qualquer dos seus aspectos mais típicos e caracteristicos.

Uma vida de cão...

O celebre cão-actor Rin-Tin-Tin ganha uma média de 50 mil dólars mensais, ou seja qualquer cousa como mil contos de réis portugueses. Tem a sua preciosa existencia segura em vinte mil contos. Tem cinco homens para o servirem e uma casa e um parque para sua habitação e divertimento.

Quantos homens não trocariam por esta vida de cão a sua vida miseravel e extenuante?

A' Ex.ma Administração dos Correios

Estamos desde Maio mandando jornais á cobrança contra reembolso, ao nosso agente em Loanda. Temos conhecimento que os jornaes foram vendidos, e portanto pagos, quando entregues ao nosso agente naquela cidade.

Como até hoje só recebemos 3 ou 4 vales chamamos para o caso a atenção do Ex.mo Administrador.

CAUTELA

—Acabo de comprar uma espingarda especial para caçar ursos?
—E não tem medo de se ferir?

HUMORISMO

crónica alegre

POBRE HENRIQUE

Ao subir no domingo passado a Avenida, caminhando atraz do caixão de Henrique Roldão, cercado de amigos e coberto de rosas, eu ia pensando mais uma vez neste mistério cruel da Morte que prolonga vidas inuteis, corta outras inesperadamente e parece andar pela superficie do mundo numa misão de sarcasm ohorrivel e de ironia sangrenta e dolorosa.

Henrique Roldão queria viver. Começava a reconciliar-se com a vida, á medida que a ia conhecendo melhor. Ia-se encontrando aos poucos, êle que de ha tanto se procurava. E, porque tinham saido de combate os seus primeiros anos de vida de homem, combate em que êle andou desacompanhado de carinhos, agora ia sentindo-se fortalecer para uma lucta que já o não assustava

Veio a morte e levou-o. Creio bem que se lhe ouviu os passos e lhe pressentiu as garras, êle tambem disse, como o trovador Maturino Regnier, morto em plena mocidade:

> Morte: Porque não me esqueces?
> Porque vens em minha busca,
> Se me não lembro de ti
> E nunca te procuraria?

MOCIDADE ESPIRITUOSA

Ha quem se queixe de que Portugal é um paiz de sensaborões. Contra a mocidade se voltam os que se lamentam e exclamam:

— «Estes rapazes de agora!

Pois estão profundamente enganados os que supõem que já não ha espirito em lusas terras.

O director dum jornal da noite recebeu a semana passada uma carta, que peço vénia para transcrever:

Sr. director.—Dantes era uso, quando da abertura das faculdades, a costuma- da «caça aos caloiros». Ora isto hoje encontra-se em declinio, chegando ate algumas faculdades a oferecer bailes em honra dos novos alunos; apenas, porém, a Faculdade de Direito e a de Sciencias continuam aferradas nessa estupida tradição. Com efeito, senhor director, que direito ha para que um aluno, ao entrar na Faculdade de Direito, seja, durante uma enorme porção de tempo, vitima das tropelias dos mais adeantados?

Que direito ha de, a rapazes de 18 anos, se lhes cortar os cabelos, se lhes dar «caldos», de os obrigar á irem, em bicha e em ceroulas, até á Praça da Figueira, de se lhes mandar lavar uma certa parte do corpo com o lenço e depois com o mesmo lenço se lhes obrigar a lavar a cara?

Não haverá meio de se conseguir pôr um ponto final nesta brincadeira, que só suja a academia, e que até em Coimbra já acabou?

Agradecendo a publicação desta, subscrevo-me de V. Ex.ª At. Ven. e Obr.— Um caloiro de Direito.

Hão de concordar que os *antigos* da Faculdade de Direito são uns rapasinhos engraçados. O que me surpreende é que nestes tempos de Santa Camarão, de *foot-ball*, de grossas bengalas de volta, haja *meninos* de dezoito anos consentindo que sobre eles se exerçam as violencias a que o *caloiro* se refere.

Não tenho o gosto de conhecer o citado *caloiro*; mas se êle me houvera pedido conselho, eu ter-lhe-ia dado o seguinte:

— «Não escreva ao Dr. Joaquim Manso. Compre uma *browning*, carregue-a, trave-a, suma-a na traseira das calças e afixe em logar concorrido da Faculdade a seguinte carta:

Fulano de tal, tendo-se matriculado na Faculdade de Direito, a fim de estudar um bocadinho dêle e não para que lhe cortem o cabelo, o façam passear em ceroulas e lhe limpem a cara com lenços sujos, tem a honra de prevenir quem se sinta tentado a usar para êle desses processos de boa camaradagem de que não hesitará em lhe meter uma bala numa perna ou num braço, em sitio, enfim, onde aleije e não mate. Desta resolução foram prevenidos o sr. Reitor da Universidade e o sr. Comandante Geral da Policia.

Fulano

Veria o *caloiro* como o deixavam em paz. Todas essas perseguições a primeiranistas não passaram nunca, em todos os tempos, de reles manifestações de cobardia colectiva.

EXAME

— A carne dos animais serve para comêr.
E que destino se dão aos ossos?
— Os ossos põem-se na borda do prato.

UMA IDEIA PARA ABÔBORAR

Uma destas tardes, mal acordado da sesta depois d'almoço, peguei num jornal e li o seguinte:

Logo qne o Parlamento reabra será discutido um projecto de lei apresentado pelos socialistas a favor do desarmamento completo. A serem postas em pratica as medidas preconisadas no projecto chegar-se-ia á quasi total supressão do exercito. O ponto de vista dos socialistas é que o exercito na sua actual constituição não desempenha nenhuma função necessaria em tempo de paz e que no caso de uma agressão seria insuficiente. Por conseguinte o melhor é suprimi-lo totalmente, realizando-se assim uma grande economia.

Confesso que fiquei um tanto impressionado no fim desta leitura. Por muita simpatia que nos inspire a classe militar, se aboborarmos um pouco esta ideia dos socialistas, havemos de concordar que êles têm rasão. Oxalá o projecto vingue! Deixemos fazer a experiencia.

P. S.—E' preciso dizer que o italico acima é um telegrama de Paris e que se trata do exercito dinamarquez. Se o *joung* Hamlet, o maluquinho d'Elsenor, voltasse a este mundo, talvez o reino de Dinamarca lhe não cheirasse tanto a pôdre. Eles parecem querer pôr aquilo no são.

UMA HISTORIA

Certo abade de provincia adoeceu com um catarro de má raça e o médico do sitio, consultado, receitou um valente *grog* todas as manhãs.

Ao ouvir a receita, o abade declarou:

—Impossivel, meu caro dr. Ha cincoenta anos que prégo no pulpito e na rua contra o alcoolismo. Que diriam os bêbedos cá do sitio—e são quasi todos os habitantes—se o reverendo pastor se metesse pelos alcooes. Começariam por diser que eu tinha inventado o catarro.

O médico, depois de reflectir um pouco, explicou:

—Ha um meio, apesar da terra ser pequena, de ninguem saber dos seus *grogs*. Como costuma fazer a barba? Com agua fria ou quente?

— Quente!!

—Tanto melhor. Eu amanhã trago-lhe muito bem recatada uma garrafa de bom cognac e, quando vier a agua quente para a sua barba, o snr. abade terá ocasião de, no seu quarto e sem ninguem saber, fazer a sua medicamentação.

— Exceletente ideia, meu caro dr.!

Fez-se tudo conforme o combinado. Simplesmente, alguns dias depois.

quando uma devota perguntou noticias á ama do snr. prior, esta disse-lhe:

— Ele do catarral parece que vae. O que não está é bom da cabeça...

— Ah sim?!

— E' verdade. Imagine que agora faz a barba cinco vêses ao dia.

ANDRÉ BRUN

ESTÁ NEURASTENICO?

DISTRAIA-SE COMPRANDO

O «DOMINGO» ilustrado

AMABILIDADE

— Tens aí 10 mil reis?
— Não tenho.
— E em tua casa?
— Em minha casa todos bem obrigado.

Curiosidades

A MORTE DE CORRÉGIO

Num antiquário de Parma acaba de ser descoberta uma obra-prima de Corrégio, avaliada desde já numa quantia colossal. A propósito disto, recordou-se a tradição de que a morte do grande pintor foi provocada pela venda do seu último quadro. Com efeito diz-se que, para vergar ou humilhar o artista, o comprador da tela pagou-a em dobrões, o que fazia uma quantidade de enorme destas moedas. Ou por avareza ou por não encontrar qualquer veiculo, o caso é que o pintor percorreu, a pé, a distancia que separava a cidade de Parma de Corrégio, quere dizer, mais de 30 quilómetros, carregado, ao meio dia, sob um sol ardente. Chegou a casa muito fatigado e queixoso, morrendo daí a dias, com uma pleuresia, que se lhe declarou logo a seguir ao excesso que praticou.

LAVAGEM DA LINGUA

A lingua suja sempre foi considerada como resultado de uma má digestão ou de padecimento do figado. Um médico americano mostra que, pelo contrario, a lingua suja é que dá causa a essas perturbações do organismo. Mostra que a matéria que cobre a lingua é a mesma, sob o ponto bacteriológico e outros, do que a que se encontra nas amigdalas infectadas e que a absorpção, pela mucosa da lingua, dos produtos bacterianos pode produzir os mesmos efeitos que as amigdalas infectadas. Este médico constatou melhoras nos sintomas de indigestão e reumatismo depois de se limpar a lingua e aconselha a lavagem desta, tão necessária como a do rosto, recomendando que todos os dias se esfregue a parte superior da lingua com a escova dos dentes.

OS PRIMEIROS RELOGIOS ELECTRICOS

A primeira aplicação do principio da telegrafia electrica á indicação da hora a distancia, por meio dum relógio tipo, foi realisada, em 1839, por um fiscio de Munich. No ano seguinte, em 1840, Weatone, a quem a Inglaterra deve a aviação e estabelecimento da telegrafia, construiu, em Londres, um relógio electrico, baseado sob o mesmo principio e indicando a hora sôbre mostradores afastados. A primeira experiência pratica, numa grande cidade, foi feita em Leipzig, em 1850. Seis anos depois, Marselha experimentava o mesmo processo. A cidade de Gand tambem o adoptou um pouco mais tarde, com um aparelho que dava a hora para cem mostradores, colocados nos candeeiros de gaz.

UMA RECEITA UTIL

As folhas que serviram para fazer chá e o pé do café teem a sua utilidade. Se esfregarmos com êles os tapetes, êstes conservarão a côr e não terão poeira. Deitam-se em cima dos tapetes as folhas do chá ou o pé do café, ainda húmidos. Depois varrem-se. Absorvem a poeira e reavivam as côres do tecido.

Faz anos amanhã

FAz hoje cento e setenta e um anos que a velha Lisboa pré-pombalina, a Lisboa de ruas estreitas e tortuosas, de becos imundos e sombrios, a Lisboa suja mas rica, que do alto das suas colonias vira partir os galeões da India e do Brasil, dormiu o seu último sono...

Faz amanhã cento e setenta e um anos que morreu ás nove horas e quatro minutos da manhã a velha Lisboa dos reis conquistadores, das sumptuosas embaixadas estrangeiras, da glória do Oriente.

Foi no dia 1 de novembro de 1755, ás nove horas e quatro minutos duma manhã resplancedente, que a nossa cidade foi vitima da grande catástrofe conhecida universalmente pelo nome de «terramoto de Lisboa». Era dia de Todos os Santos e as tresentas igrejas regorgitavam de fieis; os sinos repicavam festivamente.

De súbito, a terra foi sacudida por um forte impulso, debaixo para cima. O povo fugiu logo dos templos para as ruas e praças, o que provocou as primeiras mortes, porque no tropel da fuga muita gente foi impiedosamente esmagada pela avalanche humana. Com pequenissimo intervalo, sobreveio um mais violento tremor, ainda no mesmo sentido e logo seguido de outros, em direcção horisontal. Foi então que desmoronaram inúmeros edificios, desmantelados como frágeis castelos de cartas. Milhares de pessoas pereceram nas ruinas das igrejas, mas das que conseguiram fugir poucas lograram salvar-se, visto que o desabamento dos predios sobre as ruas foi causando inumeras vitimas.

Fugindo ás derrocadas, muita gente correu para as margens do rio, onde não havia paredes altas; no cais, acumulou-se muito povo, que disputava as embarcações, julgando encontrar no mar a segurança que a terra lhe negava. Mas aconteceu que, durante o segundo abalo, três vezes o Tejo recuou para a banda do sul, deixando em sêco inúmeras embarcações e navios de alto bordo, e três vezes se precipitou para a margem do norte, metendo a pique ou destruindo a maior parte dos barcos e vitimando não só os tripulantes dêstes como todas as pessoas que encontrou na sua invasão pela terra dentro, a qual alcançou as proprias ruas da cidade baixa que desenbocavam no Terreiro do Paço. Os habitantes da cidade que escaparam fugiram a tôda a pressa para o campo, abandonando as casas e os haveres. Os prêsos das diversas cadeias viram-se libertados pela fôrça das circunstancias, uma vez que os edificios das prisões tambem se tinham desmoronado. Como lobos esfaimados, êsses criminosos saquearam as habitações desertas e, entre as ruinas, procuravam as vitimas, para as despojar de joias ou dinheiro. O fogo começava a consumir muitos edificios, principalmente igrejas. As velas dos altares, na derrocada, pegaram fogo aos vigamentos. O lume aceso nas cosinhas das habitações ateou grandes incêndios. O convento do Carmo pereceu pelo fôgo e quási todos os frades, que haviam escapado ao terramoto, foram prêsa das chamas. Os incêndios duraram seis dias e transformaram a melhor parte da cidade numa imensa fogueira.

Calcula-se que, em Lisboa, pereceram então umas trinta mil pessoas, vitimas da triple aliança da terra agitada com dois elementos enfurecidos: o mar e o fôgo. Mas acrescentando ao número dos mortos o dos fugitivos, calcula-se em setenta mil os habitantes que da cidade desapareceram.

Os mais notáveis edificios que se perderam completamente foram, alem de mais de setenta templos, os seguintes: os riquissimos Paços da Ribeira, morada dos reis de Portugal desde os principios do século XVI; a Sé, fundada por D. Afonso Henriques; a igreja e convento do Carmo; todos os tribunais e edificios publicos; o enorme hospital de Todos os Santos; a igreja da Misericordia e inumeros estabelecimentos de caridade, etc.

Lisboa, sob o ponto de vista da sua higiene e aspecto moderno, só ganhou com o terramoto, que deu ensejo ás acertadas medidas de reconstrução determinadas pelo Marquês de Pombal. Mas que inestimáveis riquezas se perderam para sempre, durante o tremendo cataclismo!

Nunca a arte e a literatura portuguesa poderão resarcir-se do que perderam nessa grande hora de desolação.

Nas belas livrarias particulares dos palácios nobres que as chamas devoraram ou que aluiram — como os dos duques de Cadaval e Lafões, marqueses de Abrantes, de Valença, de Alegrete e de Gouveia, condes de Vimieiro, do Assumar e da Ericeira, e tantos outros — pereceram inúmeros livros impressos ou manuscritos de raridade e de subido valor. Perderam-se as colecções de numismática da casa real e de muitos nobres. Perderam-se as galerias de pintura de D. João V e do conde da Ericeira.

Perderam-se muitos vasos sagrados e alfaias dos templos, baixelas da casa real e de particulares, joias das lojas de ourives e das casas dos judeus.

Mas seria interminável a lista dos prejuizos.

O que ficou dito basta como necrológio tardio sôbre o desaparecimento, há cento e setenta e um anos, da Lisboa muita velha e muito suja, da Lisboa muita linda e muito gloriosa...

DISTRAIA A SUA MULHER COMPRANDO-LHE *O DOMINGO*

A MAIS DIFICIL CORRIDA DE CAVALOS

«*O Grand Steeple-cahse*», com os seus vinte e quatro obstaculos, é para os cavalos de corridas a mais dificil prova. No entanto ha *jockeys* que consideram ainda mais dificil a *Grande Course des Haies*, porque, apesar dos obstaculos serem mais simples, o percurso é feito a grande velocidade, não havendo nunca tempo para os animais tomarem fôlego. O *jockey* René Sauval é de opinião, contudo, que nenhum dêsses percursos atinge a dificuldade do que é corrido no fim do ano, para a conquista do prémio de *Haye-Jousselin*. Esse percurso é de 5.500 metros, sôbre terreno duro, e com inumeros obstaculos, havendo um salto de dez metros em que os cavalos se elevam apenas três metros de distancia do obstaculo.

CORREIO AEREO

Um inventor suisso acaba de descobrir a maneira de fazer descer o correio dum avião, sem haver necessidade de fazer com que este aterre. Um sistema de relojoaria faz com que se abra um para-quedas á distancia de cêrca de 50m do solo, e o saco desce devagar, até cair junto do empregado dos correios distinado a recebê-lo. E é claro que se o para-quedas não se abrir, o saco já não desce devagar e é de supor que o empregado dos correios fuja, a tempo de não apanhar com êle pela cabeça. Esta invenção foi experimentada com sucesso e prestará serviços apreciaveis no dia em que a maior parte da correspondencia seja transportada em avião.

O *RAID* DO AVIADOR COOBHAM

A 2 de Outubro pousou no Tamisa o aviador inglês Coobham, recemchegado duma grande viagem, cuja extensão só foi ultrapassada pelo famoso périplo do comandante italiano de Pinedo. Saindo de Rochester a 30 de Junho, Coobham chegou á Australia pelo caminho aereo das Indias, tocando em Sydney a 12 de Agosto e voltando pelo mesmo caminho. Percorreu cêrca de 50.000 quilometros, em circunstancias por vezes perigosissimas. Na viagem de regresso morreu o mecanico Elliott, atingido, durante o vôo, a 5 de Julho, pelas balas duma tribu nomada, enquanto Coobham atravessava a região de Bassorah.

UM COSTUME JAPONÊS

Nos teatros japoneses a bilheteira fica sempre fora do edificio do teatro propriamente dito, e, quasi sempre, está rodeada de muita gente. A razão disto é o seguinte: No Japão não se permite que vão ao teatro as pessoas que teem dividas. Um devedor só tem direito a ir ao teatro desde quando satisfaça, pelo menos, metade da divida, mas, mesmo nesse caso, pagará o dobro do preço do bilhete. As pessoas que rodeiam a bilheteira são credores á espreita.

Henrique Roldão

NESTA leviana Lisboa só interessada com os desencontrados boatos que permanentemente geram a politica e os politicos, oito dias bastam para fazer, no lapidar dizer de Musset, «d'une mort récente une vieille nouvelle». Quando um tumulo se fecha e os olhos, que o pranto enevôa, se volvem para a clara luz material da vida, rapidamente se evolam as lagrimas represas e o que era dôr viva e lancinante dentro em pouco cede, pela acção emoliente do habito, a uma recordação resignada e vagamente dolorosa. Assim, é bem possivel que aqueles que ha oito dias viram, comovidamente, passar nas ruas, a caminho da morada ultima, os despojos de Henrique Roldão, seguidos por uma sincera dôr de amigos numerosos, é bem possivel que tenham já esquecido esse momento em que participaram sentidamente da nossa dôr, mas não o esqueceram os seus amigos, os seus camaradas de todas as horas, ainda não refeitos da dolorosissima surpreza em que os lançou essa mocidade fulminada quando mais largamente a agitava um grande e fecundo sopro de Vida criadora.

Na meia duzia de linhas com que, no ultimo numero, apenas nos foi possivel registar o penoso acontecimento, dissemos que a urgencia do encerramento do jornal não nos permitia erguer a figura moral e literaria do chefe da redacção do «Domingo Ilustrado». Ainda que dispuzessemos do tempo materialmente necessario para o fazer, a angustia do momento não nos teria consentido essa evocação, que só a saudade da hora presente pode reconstituir com segurança.

Não é a dôr postiça e literaria, o preito banalissimo duma homenagem corriqueira que pretendemos trazer a estas colunas, porque é sentida e sincera e francamente se traduz em lagrimas, que nos não envergonhamos de chorar, a dôr que ainda hoje, como na hora em que a conhecemos, nos provoca a perda do amigo leal e do cooperador dedicado, em quem nunca surpreendemos um momento de desanimo, que antes nos transmitiu sempre o seu magnifico entusiasmo. Esta pagina não ficará, pois, na nossa colecção, como uma homenagem banal á memoria de Roldão, o que seria indigno da nossa dôr e do seu espirito, que detestava a banalidade e o postiço, mas será um evocar saudoso, como uma conversa intima do jornal com os seus leitores, em que a nossa saudade prolongue sobre a terra a chama duma vida que tão cêdo se extinguiu.

* * *

Na personalidade de Henrique Roldão existia bem nitida a dualidade que caracterisa os humoristas: o sorriso permanente, mascarando uma sentimentalidade exacerbada. Os que só pelas suas exteriorisações o conheciam supunham-no um pitoresco comentador, que apenas se deleitava em fazer resaltar, para efeitos de espirito e graça, os ridiculos da vida. Ele foi, para os que só superficialmente o trataram (e quantos desses supunham conhece-lo *intus et in cute*) a pessoa com quem se não pode falar a serio, porque o seu dizer é quasi sempre jocoso ou porque, pelo menos, a forma que a sua frase reveste não se engalana de estilosas pompas e prefére o ameno ao soléne.

Não ha nada mais desagradavel para quem veio ao mundo dotado da preciosa ou desgraçada faculdade de encontrar um sorriso onde outros só acham motivos de tragedia e imprecações, do que este juizo ligeiro de certas pessoas, que aos humoristas atribuem quasi uma aviltante inconsciencia, julgando prestar-lhes uma lisongeira homenagem com o lugar comun consagrado: «Você não toma a vida a sério!».

Afinal, os que a tomam a serio é que lhe imprimem todo o pitoresco do ridiculo e aqueles que procuram torna-la alegre e vivivel são precisamente os que mais sofrem, por constantemente verificarem que ela está atravancada de inuteis maldades, de vaidades injustificadas e de falsos conceitos que em permanente fermentação azedam e corrompem a concepção superior que o homem deve ter de Vida.

Apezar das hesitações, com que uma educação fragmentaria e feita sob a propria orientação haveria de lhe perturbar a formação do espirito, Henrique Roldão possuiu e em largas proporções essa concepção superior. Um equilibrio completamente estavel das suas faculdades intelectuais com as suas qualidades morais traduziu a vitoria duma luta intima e de certo prolongada entre as solicitações da sua afectividade e os rudes golpes da vida, que desde a infancia o maltratou. Havia em Henrique Roldão uma bondade, que constantemente as contrariedades punham á prova, mas sempre ela prevaleceu, mesmo quando nos seus ditos ou nas suas fantasias se vislumbrava a passagem fulgurante das azas cortantes duma ironia mais cruel.

O humorismo de Henrique Roldão, tendo a superior vantagem de ser isento de sugestões, tinha algo de comum com a maneira de Courteline. No fundo da mais descabelada, da mais disparatada farça que esta especie de humorismo géra ha sempre um pedaço latejante de vida. Bouboroche será eterno mais pelo sofrimento que simbolisa, que pelo ridiculo que o cobre.

Morto com trinta e tres anos, Roldão não deixou uma obra vasta, mas o que da sua pena nos fica, ainda que traçado no afogadilho das redacções e sob a pressão das urgencias do teatro, é documento bastante dos seus processos de humorista e das suas raras qualidades de observador e de escritor.

Num meio espesso e hostil ás letras, como é a nossa terra, Henrique Roldão tinha conseguido chegar á primeira fila sem acotovelar e sem se pôr em bicos de pés, para que o vissem e o chamassem. A sua audacia era a dos modêstos, que só avançam um passo quando estão seguros de si e a sua modestia era o seu unico e legitimo orgulho.

* * *

Dizia-se outr'ora, quando os deuses baixavam da sua serenidade olimpica a misturar-se ao confuso viver dos humanos, que quando alguem morria em plena florescencia da vida era porque os deuses o amavam e porque o seu espirito era eleito. Ha nesta consolação pagã do irreparavel, que acompanha a idéa da Morte, um mistico perfume de poesia e religiosidade, bem proporcionado para adoçar a Dôr e preparar a Resignação. Ninguem penetrou ainda o Segredo Supremo: ninguem pode dizer se a Morte é um nebuloso misterio ou um incidente vulgar, mas o que se pode garantir é que aqueles que a Amisade e o Amor tornaram nossos, mesmo para alem da Morte continuam a viver na nossa evocação, tão real e verdadeiramente como passaram na Vida. Henrique Roldão não volta mais ao nosso convivio — não volta porque passou a viver para sempre na nossa saudade evocadora.

* * *

De amigos, colegas e leitores temos recebido manifestações de apreciavel solidariedade, por motivo da perda que nos atingiu. Entre outras pessoas endereçaram os seus pezames ao «Domingo Ilustrado», pela morte de Henrique Roldão, seu chefe da redacção:

D. Palmira Bastos, Carvalho Barbosa, Tomaz Colaço, Eduardo Santos (Edurisa), Antonio Ribeiro, José Alberto Aguia de Pina, Antonio Mendes dos Santos Junior (Preto) da Guarda, Horacio Ferreira, Jaime Artur Roussado dos Santos, A. E. Machado.

A todos os que nos teem manifestado o seu pezame, o nosso reconhecido agradecimento.

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

Eu tenho uma série de livrinhos de apontamentos onde anoto tudo quanto me interessa de momento ou quanto me possa vir a interessar um dia.

Cá está! Livro 7.º—1920. *Setembro 11. Partida do Porto no rápido. Chegada a Lisboa á tabela*...

E segue-se, em síntese, a história que passo a contar.

Desadoro o viajar sósinho. Quando o faço, procuro sempre distrair-me observando os companheiros do acaso.

— Quem será aquêle sujeito dos oculos?—que diabo de profissão terá aquêle rapaz tagarela que fala em todos os assuntos?—que irá fazer a Lisboa esta gente? Estabeleço uma série de ligeiros problemas e entretenho-me pelo caminho a resolve-los. O melhor sal que encontro nesta sensaborona distracção é enganar-me redondamente.

No meu compartimento do *rápido*, n'esse dia 11 de setembro de 1920, viajavam, do Porto para Lisboa, seis pessoas. De três delas não me recordo já hoje. Foram simples comparsas da tragédia; não os fixei. O quarto e o quinto passageiros eram assim: um sujeito cinquentão, de luneta atrevida, ligeiramente calvo, bigode a embranquecer mas ainda com petulancias no arqueamento das guias, e uma rapariga razoavelmente bonita, bem posta e optimamente calçada. Reparei no pé, porque ela, na furia de marcar compassos nervosos sôbre o pavimento da carruagem, pizou-me três vezes. Vinham juntos; tratavam-se por você. A minha prespicacia pôs-se em pressão.

Aquilo era um casal de aventura.

O sexto passageiro—já se sabe—era eu.

Aí por altura de Valadares começaram a discutir. E discutiam assim:

—Não me mace.

—Já lhe disse que fui.

—Foi... uma figa.

—Palavra de honra que fui.

—Não foi

—Fui!

—Não fo...

—Fu...

O rapido que nessa altura passava sobre as plataformas de uma estação abafou o resto; mas eu já sabia o suficiente. Ela teimava que êle não tinha ido; êle, que sim, que fôra. Aonde? Restava apurar isto. Um quarto de hora depois já o sabia. O caso fôra este. A pequena ficara na confeitaria do Oliveira. Ele pretextara um negócio urgente; ficara de ír busca-la para seguirem para S. Bento, e nunca mais aparecera. Se ela não toma o expediente de seguir para a estação, tinha perdido o comboio. Eis a causa da discussão. Passadas as plataformas continuaram:

—Eu estive sempre à porta.

—Se você tivesse estado tinha-a visto.

—Que necessidade tinha eu de mentir...

—Mas mente.

—Não minto.

—Mente.

—Não min...

—Men...

O silvo de outro comboio que com o nosso se cruzou não consentiu que se ouvisse o resto, mas pelos gestos, pelo mexer dos beiços e pela expressão, fiquei na certeza que continuavam na *scie:*

—Não foi.

—Fui

—Mente.

—Não minto.

Aquilo começava a ser de um delicioso fastio. Olha que companheiros eu tinha arranjado!

Iamos na Granja ou em Espinho, quando soube os nomes dos teimosos. Era o sr. Almeida e M.elle Maria Júlia.

Aquilo era um casal de aventura.

Quem me elucidou tão precisamente foi um terceiro viajante que ia com a familia n'outro compartimento e que, aí, principiou, de quarto em quarto de hora, a fazer visitas ao nosso. O sr. Almeida saudara-o com visivel satisfação:

— Olha o Vitorino! Porque é que não vens para aqui.

E o Vitorino, depois de saudar a rapariga:

— O' filho, vem ali a minha gente.

O sr. Almeida levantou-se então e foi para o corredor dar à taramela com o amigo.

Reparei melhor na rapariga. O narizito arrebitado e um leve piscar de olhos davam-lhe um ar impertinente. Olhava enviesadamente para o corredor onde os dois cavaqueavam animadamente, com gargalhadas á socapa.

Deviam de ser patifarias de pôlpa que estavam contando. E ela batia com o pé no chão, evidentemente irritada. O sr. Almeida voltou, enfim. Nova discussão. Ela em altissimo tom; êle a meia voz e sorrindo de quando em quando, como quem diz, receoso de que o achassemos ridiculo:

— Eu não ligo nenhuma a isto...

Maria Julia gritava:

— Logo que você arranja um pretexto, safa-se.

— O' menina! Que mal lhe fez o Vitorino?

— Você é parvo! Quando quiser andar com os amigos, vá sósinho.

Iamos por alturas de Aveiro. O Vitorino apareceu de novo. Gesto contrariado da rapariga. O ridente Almeida, aproveitando o ensejo para pôr um ponto na questão, levantou-se outra vez e lá foi bichanar para o corredor. D'aí a pouco estrujiam as risadas dos dois. A minha vizinha estava como uma bicha. Eu... bastante aborrecido, ergui-me do logar e fui tambem para o corredor. Nessa altura o Vitorino estava dizendo:

— Vê lá em que te metes.

— Não faz mal—tornava o outro.

— Mas olha que ela...

E não pude ouvir mais. Êles entraram no compartimento e eu fiquei à porta.

— Senta-te um instante—dizia o Almeida.

— Vá lá... um bocadinho.

— Explica aqui á Maria Julia o que eu fui fazer, ainda agora, à rua das Flores.

— Nada de mau, disse logo o Vitorino.

— E' que ela está fula por eu a ter deixado na loja do Oliveira.

Maria Júlia, carregando a galante vizeira, esclareceu:

— E' que já não é a primeira vez que êle me faz destas.

— Ora adeus—respondeu o Almeida, limpando as lunetas ao lenço. Sabes o que fui fazer? Uma coisa muito simples.

— ?

— Comprar um anel.

— Um anel?—disse ela num pasmo interrogativo.

— Sim, filha. Tinha prometido que a primeira vez que viesse ao Porto lhe levaria um anel.

— A quem?

— Lá isso é querer saber muito—murmurou com ar misterioso o Almeida, piscando o olho ao companheiro que ainda não tinha dito uma palavra.

— Deixe-o ver—disse, já gritando, a Maria Júlia.

— Isso era um grande negócio!—tornava o Almeida.

— Já que disseste, mostra-o,—aconselhava o Vitorino, receoso do final do incidente.

— Agora já não quero; deixem-me!

E Maria Julia amerzendou-se, virando a cara aos dois.

O comboio já arrancara de Aveiro quando o criado do Restaurante veio á porta gritar:

— Primeira Série!

Levantei-me logo. Almoçara no Porto, cedo e mal.

O cidadão Almeida seguiu-me o exemplo. O outro fôra logo a correr para o compartimento onde ia a familia. Maria Julia nem bulira.

—Vamos lá—dissera-lhe o Almeida; mas ao observar o seu mutismo resmungara sorridente ainda:

— Ah! ainda estás de mono? Então vou só. E seguiu atraz de mim.

Ao chegarmos ao vagon restaurante fômos ocupar, êle e eu, a mesma mesa. Havia dois logares vagos. Êle, de vez em quando, enfiava os olhos pela porta. Estava á espera que ela se resolvesse. Talvez um tanto indiscretamente, sorri. O homem percebeu e disse, dirigindo-se-me:

— Ha de passar-lhe.

Inclinei-me e respondi, conciliador:

— Pois passa.

Estavamos a acabar a sopa quando M.elle Maria Júlia irrompeu como uma flecha. Viu-nos e ocupou um dos logares vagos,—o do meu lado.

Lá lhe parecera que ir para o pé dêle era transigir. Ficou à minha esquerda.

O homem olhou-me intencionalmente. Adivinhei-lhe o pensamento. Queria dizer-me isto:

— Veio ou não veio?

Quando serviam aquela eterna pescada com môlho frio, já célebre nos rápidos Lisboa-Porto, a rapariga que, por ir encalmada de raiva, me pedira para abrir a janela, voltou-se de repente para o companheiro e exclamou intimativamente:

— Deixe ver o anel!

O sr. Almeida procurou por cima das cabeças o amigo Vitorino, que jantava com a familia na terceira mesa do outro lado, e fez-lhe um sinal com a cabeça. Percebi cabalmente o que êle queria dizer.

— Cá está ela outra vez.

— Deixe ver o anel—já lhe disse, repetiu aumentando a voz. Olhe que senão...

Êle olhou-a, já sorrindo com menos vontade e observou:

— Não faça fitas. Repare que está ali a familia do Vitorino. O senhor desculpa—disse-me para mim.

— V. Ex.a tem a bondade...—respondi parvamente por não saber, em boa verdade, o que havia de dizer.

— Quero lá saber do Vitorino. Mostre o anel *ou*.

Este *ou* foi dito de tal maneira que o Almeida, tirando do bolso um estojo

(CONTINUAÇÃO NA PAGINA 9)

UMA NOVELA CAPITAL COMPLETA

O reinado dos Figaros

Capitulo I, do DEPILAMENTO MASCULINO

Pagina dedicada aos reis da tesoura, toda em prosa tão cortante, que a propria novela foi cortada em duas

NO PROXIMO NUMERO: Capitulo II, ultimo e irrevogavel:

DO DEPILAMENTO FEMININO

SECULO fatal de transição e de córtes.

Na moda feminina a tesoura e a gilete. Periodo aureo dos instrumentos cortantes, em que toda a gente se córta para se integrar na sua epoca.

Mas os verdadeiros ditadores, são os barbeiros.

Na furia depilatoria que os acometeu é prudente fugir deles. Eu já de ha muito deliberei giletisar os queixos, para me pôr o mais possivel em segurança. Apesar disso, no receio de atingir o aspecto selvagem daqueles vegetarianos que exibem diariamente por essas ruas as suas jubas trogloditicas, tenho de sujeitar periodicamente a minha cabeça, ao perigo da sua sanha cortadora.

E se bem que apresente uma grande calma e tranquilidade quando me entrego nas suas mãos, o meu «á vontade» é no intimo um "muito pouco á vontade». Estou sempre—como quem não quere a coisa—espiando os seus gestos agressivos.

As suas batas brancas e aquelas aparatosas cadeiras articuladas fazem-me sempre evocar as operações dentarias com todos os seus horrores; e quando eles começam a fazer-nos girar para todos os lados, pondo-nos em varias posições, primeiro sentados, depois estendidos, por vezes virando-nos quasi os pés pela cabeça, é raro aquele que não enjôa, com tanto e tão incomodo balanço.

E após uma saraivada de maquinas tosquiantes, de pentes e de escovas que nos arrepelam, nos sacodem, nos entram numa diabolica sarabanda de dança macabra,—pelos ouvidos, pelo nariz e pelos olhos, em furiosas e tragicas arremetidas, vem o epilogo das lavagens, das fricções e das loções que nos deixam a cabeça em agua;—em agua de colonia.

Mas ainda o peor de tudo são os dois dedos de cavaco que eles se acham na obrigação de fornecer a todos os freguezes.

Eu represento sempre nesses momentos,—e o melhor possivel—um papel de surdo-mudo. Mas por vezes é peor, porque na convicção de que quem cala consente, vendo-se sós em campo no uso da palavra e sem o travão da contradita, levam a sua argumentação aos maiores extremos.

Andei uma vez n'um barbeiro, — é sempre muito peor do que andar na escola—onde existia um oficial que fazia verdadeiras prelecções e era tido na loja por grande pensador. Em verdade, ele era simplesmente um grande maçador. Mas perante os colegas e mesmo certos freguezes que pensavam ainda menos do que ele, o notavel Figaro, Domingos de apelido, era tido por muito competente e altamente ilustrado.

Chamavam-lhe até o Domingos Ilustrado.

E quanta vez, perante a sua furia iconoclastica de ataque á obra dos Governos, preconisando medidas—quasi todas de meio litro,—gisando planos, lançando alvitres, eu pedia a Deus intimamente que o afastasse longos anos das cadeiras do poder, onde muito naturalmente podia ir parar,—para que a obra dos seus numerosos antecessores não tivesse por fim, com a sua decisiva intervenção, o seu epilogo fatal.

O peor é que apesar das minhas preces, já outros Figaros teem transitado das cadeiras depilatórias para as cadeiras dos ministerios, E é talvez por isso que atravessâmos uma epoca de córtes de toda a ordem.

Mas este Domingos, como quasi

.. resulta ficar com a cabeça encharcada.

todos os seus colegas, tinha ainda outra qualidade perigosa. Era um grande sportman teorico.

E era certo que ás 2.as feiras, ainda emocionado com os desafios da vespera, a sua acção era toda em shoots e rasteiras; e muitas vezes no entusiasmo da conversa, não conseguindo impôr um goal perdido pelo team da sua simpatia, conseguia com o cabo da escova pôr-me um galo.

Por vezes a discussão azedáva-se e quando se tratava de box, eu retirava sempre a cabeça prudentemente, não fosse ele julgar que eu era o Dempsey.

Uma vez, exemplificando, em seco, um concurso de natação, talvez para fazer mais luz sobre o assunto, ferrou uma lamparina no parceiro do lado.

Eu, pensando no perigo em que estava, se o colega visado se lembrasse de discutir o mesmo assunto, puz-me em guarda, disposto a gritar mesmo pela dita.

Mas não; o outro, mergulhou... n'um silencio indignado.

Eu mergulho tambem muito vezes na leitura de qualquer periodico, a fim de suportar melhor a operação, não pensando nos perigos que impendem sobre a minha pobre cabeça.

Mas o meu processo temerario de me abandonar sem controle á furia depilatória do barbeiro custa-me quasi sempre um chapeu novo, porque ao sair constato, desolado, ter sido tal a colheita capilar, que o chapeu, sem ter onde se estribe, me cai n'um desalento até á nuca.

Outras vezes do meu vago assentimento a todas as propostas resulta ficar com a cabeça encharcada em loções que primam sempre pelos mais extranhos aromas.

Lembro-me que uma vez, ao levantar-me da cadeira do martirio, notei um odôr pouco agradavel. Era um cheiro extranho a queijo gruyere, a bolôr e a coisas velhas.

E reparando que era da minha propria cabeça, indignei-me.

Ele explicou que era Pompeia.

Decerto seria Pompeia, mas em ruinas.

Desde então fiquei sempre atento na altura das inundações.

Mas uma vez distraí-me e perante as varias propostas de loções, não dei pelo relato das inumeras especialidades.

Ele repetiu ainda, teimosamente, aguardando a minha escolha:

— Violeta? Rosa? Pompeia? Trevo? Cravo?...

E eu nada.

E ele novamente:

— Cravo?...

— Pois sim crava, consenti, ainda distraido. Mas ao sentir o liquido, suspendi n'um sobressalto.

— Mas o que é isso?

— E' cravo.

— Mau, isso não quero. Já no outro dia experimentei. Isso ao que cheira é a cravo de cabecinha.

— Pois se ele é para a cabecinha... retorquiu.

Confesso que entupi.

Ele, triunfante, começou despejando o frasco e fazendo a apologia do liquido; soube então que era preparado seu, excelente, maravilhoso, imcomparavel para evitar a queda do cabelo.

Mas um freguez presente teve a ousadia inexplicavel de pôr em duvida a eficacia do ingrediente e então foi uma tragedia. No calor da discussão estive em riscos de levar com o frasco na cabeça.

Por fim o indignado Figaro, ainda rubro da mais justa colera, lançou como argumento irrespondivel á sua longa pratica na preparação dessas loções os longos anos de experiencias, os estudos que fizera do problema, e afirmava que tinha encanecido naquilo.

Eu reparei que ele não tinha só encanecido; tinha tambem encalvecido com o uso do elixir.

Mandei suspender a caudal que me inundava e pensei que se aquele homem, dadas as suas qualidades de estadista, se lembrasse afinal de ir ás cadeiras do poder, talvez conseguisse descobrir tambem um elixir contra as quedas... ministeriais.

Seria maravilhoso, porque se os efeitos fossem semelhantes aos do elixir para a queda do cabelo, ficaria tambem a arcada deserta e completamente calva de ministros.

E seria talvez a salvação.

AUGUSTO CUNHA

SAUDADES MINHAS, por Guilherme de Faria.

Sob um título lindo, um fenal de versos ingenuos, dum lirismo puro e sincero. O poeta já acusa menos sugestões e vai criando uma personalidade literária digna de tôda a atenção. «Saudade Minha» é um livro que fica em nossa saudade, como o eco demorado duma canção inocente. Na obra do poeta ficará como uma afirmação de independencia, marcando o inicio duma feliz maioridade intelectual.

TU, por Rui Santos

Versos moços, flores tocadas pelo orvalho da madrugada. Nesta brochura de aspeeto grave, tarjada a negro, com letras rubras, sangrentas, há aroma de primavera. De resto, a primeira poesia intitula-se «Primavera»...

Quando um poeta sente a bizarra necessidade de baptizar um livro com o titulo de «Tu», é porque os pronomes pessoais começam a baralhar-se-lhe na cabeça, é porque o «tu» começa a ser «ela». De modo que esta brochura grave é apenas um livro de versos de amor, de versos exponiâneos, sem arrôjos de forma, mas tambem sem notáveis desequilibrios de técnica.

Tereza LEITÃO DE BARROS

VARIA

MOINHO DE PACIENCIA

N.º 2
3.ª SERIE

SECÇÃO CHARADISTICA
SOB A DIRECÇÃO DE
JOSÉ D'OLIVEIRA COSME
DR. FANTASMA

31 OUTUBRO 1926

LOGOGRIFO

(Agradecendo a Aviardo a sua gentileza)

1 Aspiro, ainda, aquela *essencia*,—2—3—6—5
Dos castos beijos que me deste!
Será eterna, anjo celeste,
Meu *santo* altar, doce inocencia?—5—3—6—7

E na prisão das tuas *azas*,—2—3—5—4
Vivendo só do teu amôr,
Sonho, oh Destino que temor!
Que um duro *golpe* tu me aprazas.—1—5—3—2

Então, mordido p'lo ciume,
Cego p'la dôr do meu sofrer,
Vou sentindo ansias de viver,
P'ra que me mate o teu *perfume*.

Lisboa — EURISTO

CHARADAS EM VERSO

(Agradecimento e replica ao prezado Jamengal*)*

2 São tam simples, tam singelas
Minhas pobres produções,
Que, num *apice*, qualquer—2
As mata, sem ralações;

Por isso, pasmo, que tu,
Um *«homem»* fino, sagaz,—2
Um charadista moderno,
De tal não sejas capaz,

Pois, repito, os meus trabalhos,
Todos podem decifrar,
Desde o astuto ao néscio *que anda*
Com a cabeça no ar!...

Lisboa — BAGULHO

(Ao destemido Lord Dá Nozes, *para o afogar)*

3 A charada fugiu para o Oriente,
Debaixo dum formoso céu cinzento,
E eu não consegui *meter o dente*,
Embora escangalhasse o meu talento.

E foi assim, *proporcionalmente*,—2
A caminhar, levando em popa o vento,
Num mal estar *tão grave* e tão doente—1
Que fez estremecer o firmamento!

E desisti—não pude mais caça-la—
Em conclusão: faltou-me toda a fala
E recuei cansado e espavorido!

Mas, num brusco momento de vingança,
Nela cravando a minha aguda lança,
Morta caiu, soltando atroz gemido!...

Dafundo — D. SIMPATICO (T. E.)

(Aos colaboradores do Moinho)

4 Nesta vila, está cavado
Um tunel misterioso
Que serviu (quem sabe!) outróra
Algum designio amoroso.

Se me não falha a *memoria*,—1
Ouvi dizer outro dia,
Que vai ter ao *arrabalde*—2
Tão profunda *galeria*.

Niza — FIGUEIRA SILVESTRE

(Ao ilustre charadista Avieira, *com a devida venia)*

5 P'ra falar-lhe com franqueza,
(Se não é indescripção)
Não me agradou a rudeza,
A desconsideração

Da priminha do minhoto
Que em Quelux acantonou.
Ora o primo não é douto,
Mas decerto não gostou

Que lhe chamassem montez.
¿E se ele tiver juizo
O que faz, p'ra outra vez?
Não lhe fala. O que é preciso

E' ter *valor*, p'ra vencer, 2
Não vá a prima julgar—1
Que é facil escarnecer
Dum *rustico*, por amor.

Lisboa — JAMENGAL

(Ao ilustre colaborador de Palavras Cruzadas, *Alberto Silva, com a devida venia)*

6 Quem *censura* toda a gente—3
Sem *compaixão* nem amôr,—1
Embora julgue que não,
Nem sempre é justo *censôr*.

Lisboa — ORDIQUES

7 Bem-dito sejas, rude portugues,
Que " *quasi* " toda a vida, um instante—2
No teu trabalho insano, fatigante,
Passas a labutar, queimada a tez.

Como és feliz! O rico, que tu vês
Passar na estrada, de auto, petulante,
Ou nos braços de lubrica bacante,
Não tem essa saude oh camponez!

Bem-dito sejas, mais o teu boisinho,
Tão certo companheiro na labuta,
E as ovelhas, o *bode* e o porquinho.—2

Gigante audaz que, só a Deus, escuta,
Belo *ser fabuloso* de carinho;
Bem-dito seja o fruto dessa luta!...

Lisboa — SPARTANUS

CHARADAS EM FRASE

8 A *mulher que se enfeita com mau gosto*, fez uma *intriga* por causa desta *«arvore do Brasil»*.—2—1

Cascais — ANELE

9 A *lealdade convosco*, torna-vos formoso o *rosto*—1—1

Lisboa — AVIARDO

10 E' *«pena»* haver *boato* de *motim* 2—2

Lisboa — CALTAR

(Agradecendo a Viçoso *do confrade* Africano)

11 Para mim é *sagrada* a sua charada por ter uma *grande quantidade* de termos que tenho neste *lugar intimo*.—2—2

Lisboa — DROPÉ (T. E.)

12 *Coragem!* Deixa lá o *apendice* da rua do *amparo!*—1—4

Lisboa — PAUSANIAS

13 O teu *gesto* causou-me *aflição*, pois ia ficando sem o *dedo indicador!*—2—1

Porto — REI DO ORCO

(Para Anele *se entreter...)*

14 Navegando neste *«rio»* tive *ocasião oportuna* para visitar uma *«freguezia de Portugal»*.—2—2

Lisboa — SATURNO

15 A *chuva miuda* quando a rega o *«arbusto»*, nunca produz tanto mal como a *chuva de pedra*.—2—1

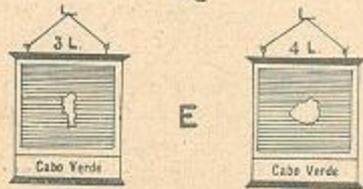
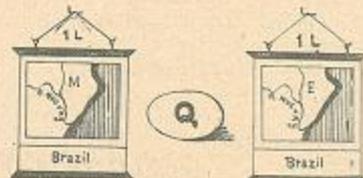
Lisboa — VIRIATO SIMÕES

(Tréplica ao magestoso Bagulho, *agradecendo a sua delicadeza)*

16 V. Ex.ª evita de nos maçar, não nos quebrando tão *grande quantidade* de vezes a *cabeça*...—1—1

Lisboa — VISCONDE DA RELVA

17 ENIGMA FIGURADO

E

Lisboa. — X.

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a R. Alvaro Coutinho, 17, r/c.—Lisboa.

MUITO IMPORTANTE.—Serão anuladas *sem distinção* todas as listas que, *contendo pelo menos* 50 % das decifrações não tragam a *votação* do melhor trabalho publicado. Não se restituem os originais.

Secção dirigida por DR. FANTASMA

Nota importante.—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA ALVARO COUTINHO, 17, r/c. LISBOA

As decifrações do problema hoje publicado, devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior sairá no proximo numero, bem como o QUADRO DE HONRA.

QUADRO DE HONRA

AULEDO, DOIS PRINCIPIANTES, MENINA XÓ, NÓNÓ, SPARTANUS.

DECIFRAÇÕES DO N.º 92

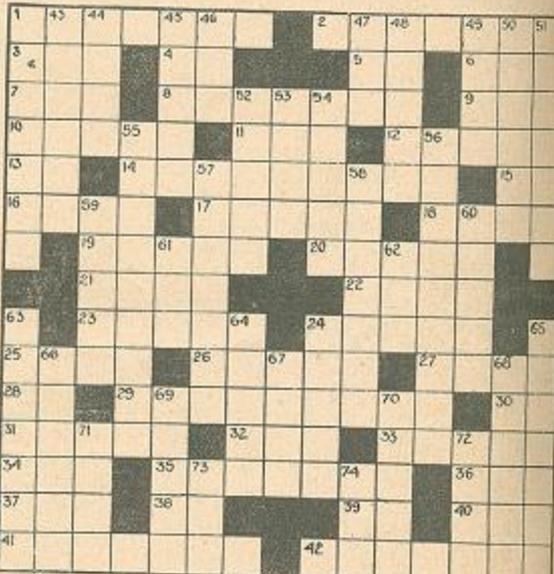
HORISONTAIS — 1 Apaúlo-Avezar, 2 Personalisada, 3 Araua-P Epist, 4 Recrudescente, 5 Egua-Age-Cara, 6 Ir-Ri O-Mu-Ir, 7 Irite-Solon, 8 An-Aa-B-Ra-Ge, 9 Faim-Sol-Trem, 10 Antediluviano, 11 Stanz-E-Avita, 12 Testemunhavel, 13 Esteio-Desasó.

VERTICAIS — 1 Aparei-Afaste, 2 Peregrinantes, 3 Aracu R-Itast, 4 Usurariamente, 5 Loau-Itá-Dzei, 6 On-Dá-E-Si-Mó, 7 Apêgo Boleu, 8 Al-Se-S-Lu-ND, 9 Viec-Mor-Vabe, 10 Especulativas, 11 Zaina-O-Raiva, 12 Adstringentes, 13 Ratear-Emoalo.

PROBLEMA D'HOJE

Original da nossa distincta colaboradora «MENINA XÓ».

HORIZONTAIS—1 Vigilancia, 2 Veu, 3 Pedra, 4 raia, 5 até, 6 passar, 7 pertencer, 8 luzir, 9 três letras de cigarro, 10 luto, 11 cabeça, 1 ave, 13 duas vogais, 14 gentil, 15 ensejo, 16 elogios, 17 subir (anti.), 18 aperto, 19 divido, 20 purificar, 21 reza, 22 animal, 23 rebenta, 24 bebados, 25 convenceu, 26 mau, 27 menina, 28 tecido, 29 manifestar, 30 duas letras de Nónó, 31 resina aromatica, 32 Nome de mulher, 33 Lagrima, 34 massa, 35 orvalhar, 36 três letras de touro, 37 poesia, 38 com, 39 Igual, 40 três letras de tirei, 41 travez, 42 agua-pé.

VERTICAIS—1 rebelde, 43 celeste, 44 emende, 45 perigos, 46 viu, 47 ave de rapina, 48 porosas, 49 negaça, 50 negro, 51 raiar, 52 planta, 53 armadura, 54 anagrama de Luiza, 55 ranco rosa, 56 uso, 57 pombas, 58 o que compõe, 59 ramos de flores no toucado das senhoras, 60 fruto do Brazil, 61 arsenico, 62 três letras de range, 63 ligaduras, 64 lutar, 24 alucinar-se, 65 tulha, 66 agastado, 67 providencia, 68 frivolo, 69 planta, 70 rachas, 71 marcos, 72 bom, 73 murmurei, 74 lá.

NOTA—Por lapso, deixámos de incluir no «Quadro de Honra» do numero passado a nossa ilustre colaboradora «Menina Xó», a quem pedimos desculpa da involuntaria omissão.

CLASSIFICAÇÃO

1.º	«Belenenses»	—6	»	—6—3
2.º	«Victoria»	—5	»	—4—2
3.º	«Sporting»	—4	pontos	—4—2
4.º	«Carcavelinhos»	—4	»	—5—5
4.º	«Imperio»	—4	»	—3—3
5.º	«Bemfica»	—4	»	—3—4
6.º	«Casa Pia»	—3	»	—3—6
7.º	«União»	—2	»	—3—6

Desafios da Divisão de Honra, marcados para hoje

SANTO AMARO

«Belenenses»-«Imperio» ás 13,30 horas;

«Sporting»-«União Lisboa» ás 15,30 horas;

NO AMOREIRAS

«Victoria»-«Casa Pia A. C.» ás 13,30 horas;

«Carcavelinhos»-«Bemfica,» ás 15,30 horas.

SALÃO FOZ

VARIEDADES E CINEMA

BOA MUSICA

OPTIMOS ARTISTAS

A melhor casa de espectaculos de Lisboa

Salão Olimpia

As mais interessantes produções cinematograficas

Edwards Line

Para BRISTOL o vapor TEECO esperado em 3 de Novembro.

Agentes: — E. PINTO BASTO & C.ª L.da

CAES DO SODRÉ, 64, 1.º — Telef.: C. 3601 3602 e 3630

LISBOA

Varia

O ANEL FATIDICO

CONTINUAÇÃO DA PAGINA 6

de marroquim branco, pô-lo em cima da mesa e disse:

— Pronto! ahi tem o anel.

Maria Júlia abriu-o nervosamente. Era um aro fino de oiro com uma pérola e dois diamantes.

— Para quem é este anel? tornou a interrogar.

— Olhe, pergunte-o ao Vitorino.

— Todos vocês são os mesmos. Diz ou não diz?

E como o companheiro continuasse mudo.

— Ah! não quer dizer... Pronto.

E num gesto rapido, arremessou o anel e o estojo pela janela fora.

Vi-o empalidecer. Ergueu-se de subito, debruçou-se á janela como se quisesse agarrar o estojo, e depois deixou-se cair na cadeira a dizer:

— Estúpida! Estúpida! Estúpida!

Eu levantara-me tambem. Maria Júlia num repelão, fazendo desiquilibrar uma rima de pratos que um criado transportava, pôs-se fora do vagon-restaurante em menos de dois segundos.

O sr. Almeida ergueu-se, deu dois passos, e tornou a sentar-se regougando:

— Isto só a mim acontece!

— Realmente é uma grande semsaboria—animei-me a dizer.

— Sabe lá! Sabe lá!

E punha as mãos na cabeça. Os comensais que ficavam vizinhos já tinham dado pela aflição do homem que continuava fazendo grandes gestos.

— Quanto teria custado o anel? duzentos, trezentos mil reis? que lhe parece?—dizia êle para mim.

— Mas então V. Ex.ª que o comprou não sabe quanto custou?

— Qual comprei nem meio comprei. O anel não era meu. Era da mulher daquêle meu amigo.

— O quê? do sr. Vitorino?... Mas então...

— Pedi-o a êle, que era para fazer uma partida aquêle diabo. E agora? E agora?

— Agora, é perguntar-lhe o preço.

* * *

O sr. Almeida—diga-se em abono da verdade—pagou os 280$00 que o anel custara. Soube-o dêle mesmo, um mês depois, no «Salão de Inverno» do Teatro de São Luís.

— E o anel?—perguntei.

— O anel, devia ter caído nas alturas de Alfarelos.

— E a rapariga?

— Essa caiu com um ataque quando chegámos a casa.

— E ainda a arrelia?—arrisquei-me a perguntar.

— Não, não. Serviu-me de emenda. Agora é ela quem me arrelia a mim.

Para complemento da história ha ainda a dizer o seguinte:

A mulher do Vitorino nunca acreditara na queda do anel à *linha*, e sempre que vem á conversa o incidente trágico tem uma fase lapidar para o marido:

— Se calhar deste-o a outra.

Aquela joia—parece-me que estou a vê-la!—escangalhou dois *menages*. Praza a Deus que nenhum outro marido o tivesse encontrado.

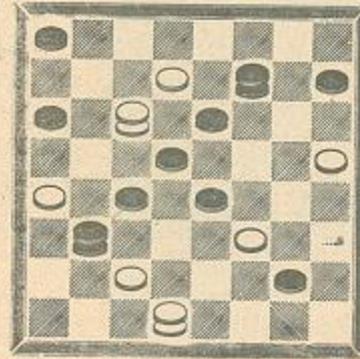
M. S.

DAMAS

Solução do problema n.º 92

	Brancas	Pretas
1	17 22	26-17
2	18-23	27-18
3	7-10	14-7
4	21-10 24	20-27
5	1-5	11-20
6	2 11	20-2-9
7	5-14-23-32	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 94

Pretas 2 D e 8 p.

Brancas 2 D e 5 p.

As brancas jogam e ganham.

Resolveram o problema n.º 92 os srs.: Alipio Amaral, Artur Santos, Augusto Teixeira Marques, Barata Salgueiro, José Magno (Algés), Ruth Said e Victor dos Santos Fonseca.

O problema hoje publicado foi-nos enviado pelo sr. Barata Salgueiro, que o dedica ao Ex.mo *Sr. Carlos Gomes*, seu visinho em Bemfica.

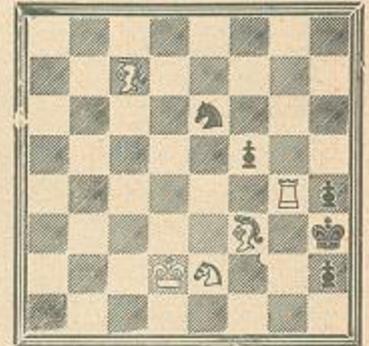
Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardoso

XADREZ

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 94

Por A. G. Pereira da Silva

Pretas (5)

Brancas (5)

As brancas jogam e dão mate em dois lances

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 93

1 P. 6 B; 2 Pt 5 B; 3 P. 4 B; 4 T. 1 B etc.

Resolveram o problema n.º 92 os srs. Nunes Cardoso, Dr. J. M. da Costa (Alpiarça); Manuel Nunes, Maximo Jordão, Grupo de xadrez do Gremio Literario e Grupo de xadrez do Gremio Lisbonense.

Federação Portugueza de Xadrez.— Delegadusdos 2 grupos de Lisboa (dos Gremios Litrario e Lisbonense) acabam de redigir um projecto de Estatutos que brevemente será discutido em Assembléa Geral, dos amadores portuguezes.

Pede-se a todos que se interessem pelo assunto o obsequio de se porem em comunicação com o director desta secção, secretario da comissão de iniciativa. Solicita-se o apoio de todos os amadores isolados ou agrupados de qualquer ponto do paiz.

Grupo de xadrez do Gremio Lisbonense.—Este Grupo, atualmente com mais de 50 associados, continua em pleno desenvolvimento, sendo de prever que em curto praso constitua o mais importante nucleo do paiz. Pedenos o seu Director que comuniquemos que o Grupo jogaria, com muito agrado, partidas por correspondencia com qualquer Grupo da provincia. A correspondencia deve ser dirigida a: A. G, Pereira da Silva—Gremio Lisbonense—R. dos Sapateiros! 225, 1.º Lisboa.

Grupo Albicastrense e do *Club Portunense.*—Pedimos o obsequio de comunicarem a sua constituição e direção actuais.

SERVIÇO DE CHÁ E CAFÉ LINDOS MODELOS

BASTOS SILVA, LIMITADA

RUA DE S. NICOLAU, 81 TEL. C. 155

CARDOSO

TEFEF. 333 C.

134, RUA DA PRATA, 136

LISBOA

ABERTURA DE ESTAÇÃO COM MODELOS DE CHAPEUS ADQUERIDOS EM PARIS

DR. XAVIER DA COSTA

Retomou a sua clinica este distinto especialista de doenças de olhos, que continua dando as suas consultas ás 4 horas da tarde.

Broomfield's English Bakeries L.td

Travessa do Caes do Tojo

Telefone 1094 N.

Telefone 1094 N.

AS LAMPADAS ELECTRICAS

SÃO AS MAIS ECONOMICAS E AS MAIS RESISTENTES.

Á VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DE ELECTRICIDADE

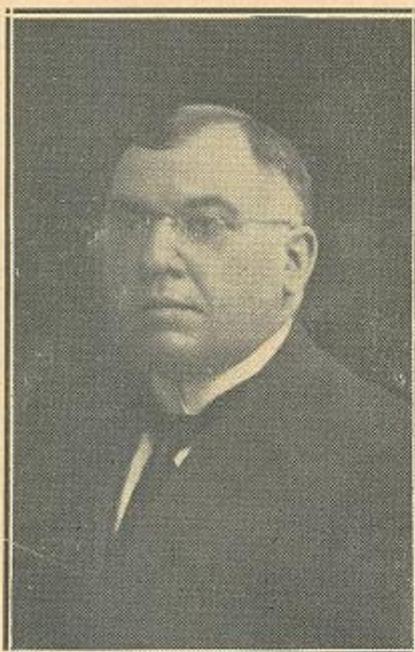
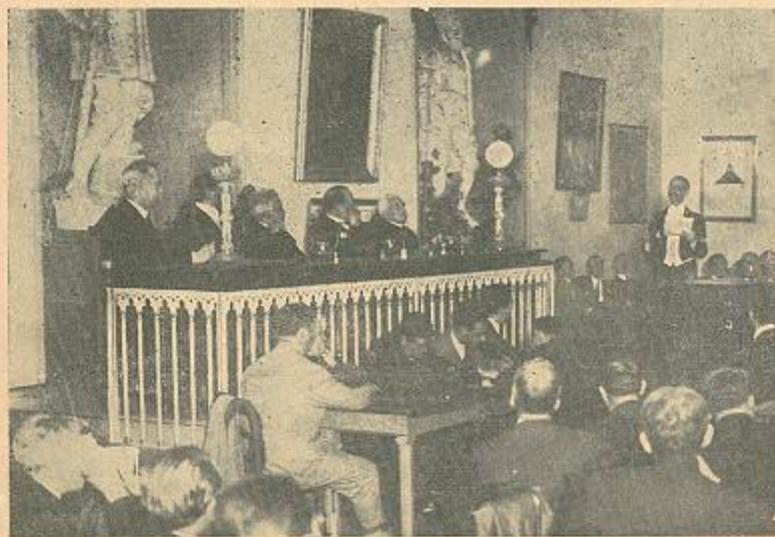
ACTUALIDADES GRAFICAS

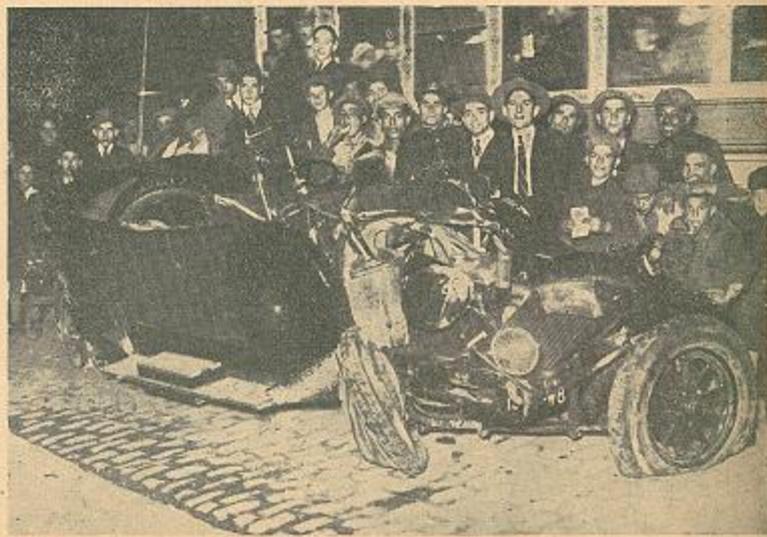
A MORTE DE HENRIQUE ROLDÃO

Aspectos do funeral do nosso desditoso e querido camarada. A' esquerda, a saída da urna do Gremio dos Artistas Teatraes. A' direita, junto á ultima morada do malogrado escritor, o sr. dr. Feliciano Santos fala em nome do nosso jornal.

JOAQUIM ANTONIO DA FONSECA

O novo Governador Geral de Angola escolheu para Secretário das Finanças da mesma provincia o nosso amigo snr. Joaquim Antonio da Fonseca, antigo inspector superior de Fazenda das Colónias, director dos Serviços de Fazenda da Companhia de Moçambique, gerente do Banco da Beira e inspector do Comercio Bancario na Metrópole.

O dr. Vicente Ferreira não podia encontrar um mais valioso colaborador, porquanto Joaquim Antonio da Fonseca é não só um funcionario de inexcedivel probidade e competência, como um dos mais extremos paladinos da nossa intangivel soberania, em terras de Além-Mar. Por tão acertada escolha, felicitamos a provincia de Angola, felicitando-nos a nós proprios e a todos os bons portugueses.

NA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA

Um aspecto da conferencia do distinto escritor e dramaturgo Rui Chianca sobre o «Congresso de Portugal Maior»

OS DESASTRES

Um automovel que ficou despedaçado entre dois electricos na rua 24 de Julho

PUBLICIDADE

ESCOLA ACADEMICA

Fundada em 1 de Outubro de 1847

A mais antiga e conceituada escola particular do país

20, CALÇADA DO DUQUE
Telef. Norte 2619

CALÇADA DA GLORIA, 37
End. teleg. *Academica-Lisboa*

LISBOA

Edificios propositadamente construidos. Internato modelar. Alunos internos separados dos alunos externos. Lavanderia mecanica. Roupas rigorosamente desinfectadas; lavagem perfeita. Banhos diarios de aspersão, frios o mornos. Alimentação escolhida, variada e abundante. Vacaria pertença da Escola; leite integro e puro. Padaria dentro do edificio. Farinhas puras; pão higienicamente manipulado. Banhas e carnes ensacadas da mais absoluta confiança; fabrico dentro da escola, perfeito e cuidadoso. Tudo que interessa á saude e bem-estar dos alunos, está sujeito a seguida e permanente vigilancia medica. Jogos desportivos. Campo de jogos numa quinta pertencente á Escola.

MEDICO COM RESIDENCIA DENTRO DA ESCOLA

A Secretaria encontra-se aberta todos os dias uteis das 10 ás 17 horas. Admitem-se alunos internos, semi internos e externos.
Instrução Primaria, Curso Comercial e Curso dos Liceus.
Remetem-se gratuitamente, para qualquer ponto, brochuras com todas as condições de matricula e disposições regulamentares.
Resultados dos exames no ano lectivo de 1925-1926:

APROVAÇÕES	142
PASSAGEM POR MÉDIA	294
REPROVAÇÕES	18

Casa Africana

RUA AUGUSTA, 161

LISBOA

Abertura da Estação de Inverno

Com grandes exposições, abriu esta casa á sua numerosa clientela a ESTAÇÃO DE INVERNO, expondo as mais recentes novidades nacionais e estrangeiras em todos os seus artigos.

Está igualmente exposta a sua grande colecção de modelos em vestidos e manteaux.

BALÕES

DISTRIBUEM SE ÁS 3.as E 6.as FEIRAS, MEDIANTE O TALÃO DE 30$00 ESCUDOS

"A Original"

Fabrica de artigos de viagem

RUA DA PALMA, 266-A

ENVIAM-SE CATALOGOS A QUEM OS REQUISITAR

Colégio Vasco da Gama

Travessa das Freiras, a Arroios, 2, LISBOA (Norte)

Telefone: N. 2145 — End. telegrafico: COLÉGIO, LISBOA

RECOMENDADO PELA DELEGAÇÃO DE SAUDE

«DIPLOMA DE HONRA» DO MINISTERIO DA INSTRUÇÃO PUBLICA

Internato — Semi-Internato — Externato

Classe infantil e de Instrução Primaria. Curso completo dos liceus. Sciências e letras. Curso comercial.

CURSO AGRÍCOLA, louvado e reconhecido de utilidade pública por portaria do Govêrno.

Prática de linguas. Educação física, artística e trabalhos manuais.

Este Colégio está sempre e por completo patente a quem quizer visitá-lo.

Os Directores

Padre António Manuel da Silva Pinto de Abreu

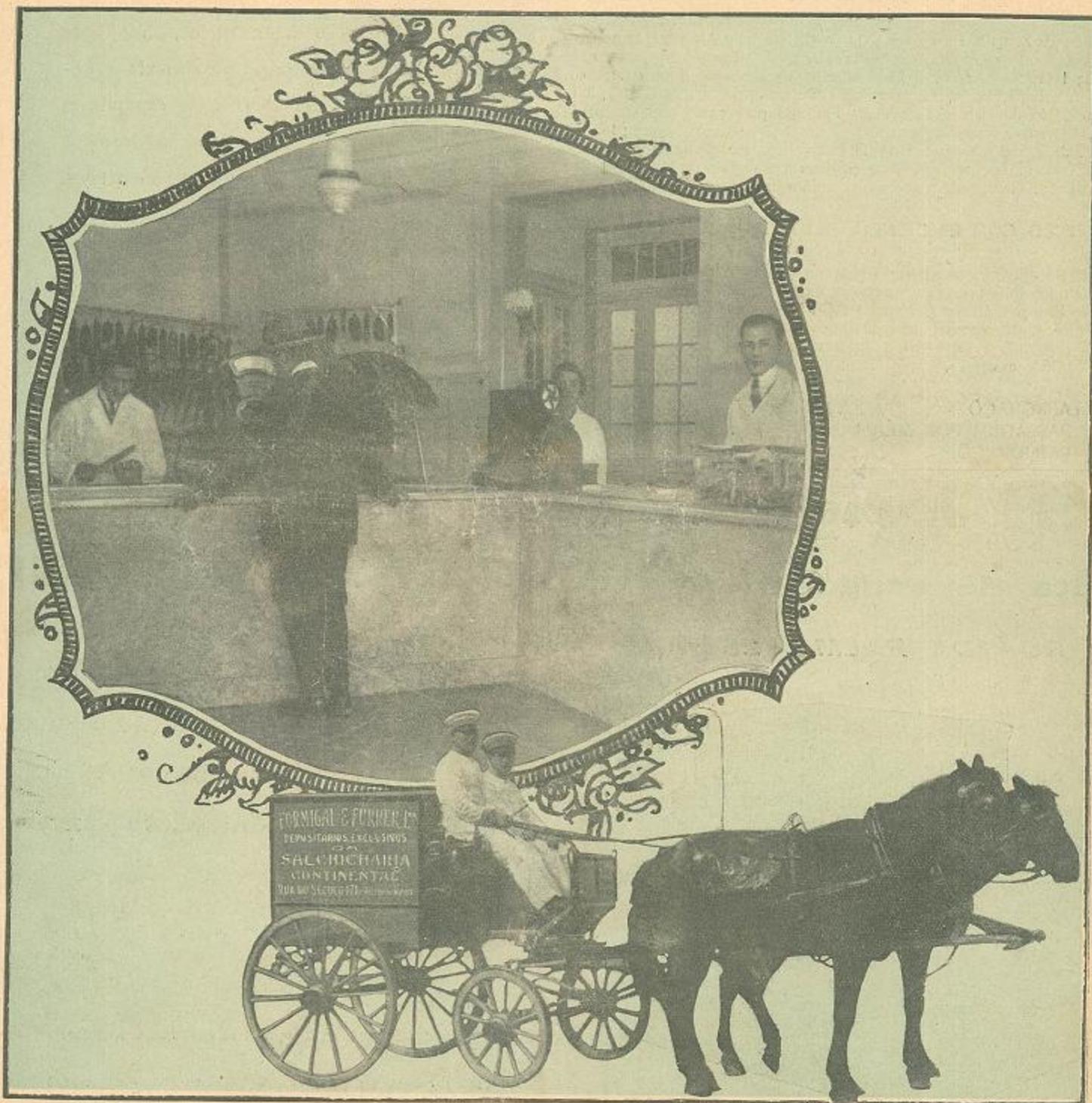
Dr. Luiz Gonzaga da Silva Pinto de Abreu

A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631 N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES

A nova salchicharia Formigal & Furrer, L.da, na Rua do Seculo, 171

Estabelecimento modelar, com o melhor sistema frigorifico, todo em marmore, que fornece as principais casas de Lisboa, Provincia e vapores Aqui encontrarão as donas de casa e os "gourmets" as melhores conservas de carne, que este elegante carro levará rapidamente a suas casas